Série Pensamento Negro Descolonial

Matripotência e Mulheres Olùṣọ́: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários

Míriam Cristiane Alves
Ana Paula Melo da Silva
Raquel Silveira Rita Dias
Priscilla Pinheiro Lampazzi
Kaká Portilho
ORGANIZADORAS

editora redeunida

e-livro
SUSTENTABILIDADE
editora redeunida

A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.
Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
https://editora.redeunida.org.br/

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br

editora
redeunida

Míriam Cristiane Alves
Ana Paula Melo da Silva
Raquel Silveira Rita Dias
Priscilla Pinheiro Lampazzi
Kaká Portilho

ORGANIZADORAS

Série Pensamento Negro Descolonial

Matripotência e Mulheres Olùṣọ́: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários

1ª Edição
Porto Alegre
2021

editora
redeunida

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A474m Alves, Míriam Cristiane (org.) et al.

Matripotência e Mulheres Olùṣọ́: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários / Organizadores: Míriam Cristiane Alves, Ana Paula Melo da Silva, Raquel Silveira Rita Dias, Priscilla Pinheiro Lampazzi e Kaká Portilho. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2021.

394 p. (Série Pensamento Negro Descolonial, v.4)
E-book: 19,5 Mb; PDF

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-87180-94-6

DOI: 10.18310/9786587180946

1. Identificação Social. 2. Grupo com Ancestrais do Continente Africano. 3. Narrativas Pessoais como Assunto. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 305.56:960.981
21-3018088 CDU 342.724(6)(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Grupos sociais e questões raciais; História da África; História do Brasil.

2. Minorias étnicas e Igualdade racial; Brasil; África.

Catalogação elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

editora redeunida

SUMÁRIO

CARTA PREFÁCIO 9
Cecilia Maria Izidoro Pinto

CARTA DE APRESENTAÇÃO 13
Míriam Cristiane Alves, Ana Paula Melo da Silva, Raquel Silveira Rita Dias, Priscilla Pinheiro Lampazzi, Kaká Portilho

SEÇÃO I | MATRIPOTÊNCIA 19

MATRIPOTÊNCIA: *ÌYÁ* NOS CONCEITOS FILOSÓFICOS E INSTITUIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS [*YORÙBÁ*] 23
Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí

GÊNERO E ECONOMIA [O SÉCULO XIX] 79
Ifi Amadiume

UM MATRIARCADO AMERINAFRICANO NO BRASIL 107
Kaká Portilho

SEÇÃO II | CARTAS E A GRAFIAS DA MEMÓRIA E DA ANCESTRALIDADE 127

À *ÒRÌṢÀ ỌYA* 131
Ana Carolina Rodrigues do Nascimento

DIÁLOGOS COM VÂNIA 137
Ana Cláudia Costa e Silva de Paiva

SOBRE A MINHA MISSÃO 143
Ìyá Ana de Iemanjá Boci

ÀS QUE VIERAM ANTES DE MIM 149
Ana Paula dos Reis

CARTA PARA CELESTE 155
Ana Paula Melo da Silva

AOS QUE TIVERAM A NEGRITUDE ROUBADA PELO PROJETO COLONIAL 163
Carla Silva de Avila

CARTA ABERTA À *YÁNSÀN* 171
Cátia Cirlene da Silva Teixeira

AMOR A *BARA LÓDE* 177
Célia Maria Santos da Costa

ỌṢUN: LÁGRIMAS BORBULHAM NO MEU *ORÍ* 189
Charlene de Oxum

VÓ MERCEDES DE *ṢÀNGÓ*: A MATRIARCA DA FAMÍLIA GONÇALVES

Míriam Cristiane Alves

Oi Vó Mercedes Eronita Gonçalves, como a senhora está?

Aqui nesse mundão está uma doideira! Estamos há quase dois anos vivendo uma pandemia que assolou todos os continentes do globo – é a COVID-19. No Brasil, a pandemia chegou em meio a um governo de extrema direita. Vó, as pessoas estão empobrecendo, muitas delas estão na miséria, uma miséria que tem cor – é preta. Nosso povo preto está sofrendo muito. Chegamos num estado de pobreza e de exploração econômica onde estabelecimentos comerciais vendem "osso de primeira" e "osso de segunda" a senhora acredita? É óbvio que a senhora acredita, pois já viveu a pobreza, a miséria e as dificuldades, opressões e violências impostas pelo sistema capitalista, pela lógica colonial racista e sexista que toma nossas *corpas-pretas*[126] como se fossem coisas descartáveis.

Quando a senhora voltou à massa de origem, ou "voltou pra casa", como falamos em nossa tradição de matriz africana, eu tinha 21 anos de idade, era 26 de março de 1997. Nessa época eu já estava fazendo a minha primeira graduação - Educação Física na UFRGS -, e me sentia uma jovem imatura embora as pessoas me vissem como adulta. Eu não me sentia adulta, pelo contrário, me sentia muito frágil; porém eu criei uma casca dura, tipo de tartaruga, para transmitir a ideia de forte. Será que eu herdei isso da senhora? Pois era assim que eu lhe via, com uma casca dura de proteção, e é assim que via a minha mãe até pouco tempo. Lembro que no seu velório e enterro eu não quis entrar, fiquei do lado de fora, sentada

126 Considerando que "a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência" (KILOMBA, 2019, p. 14) e mesmo sabendo que a palavra "corpo", na língua portuguesa, não possui variações no gênero, optamos por inscrever e escrever "*corpa-preta*" enunciando o lugar de uma subjetividade.

em um boteco. Não entrei porque queria manter em minha memória a sua imagem imponente, altiva, determinada. Lembro que algumas pessoas não entendiam a minha reação… Nem eu entendia, eu só sentia e reagia…

Eu tenho algumas memórias suas vó - preta retinta de olhar sisudo, que compartilhou amor com todas as pessoas que bateram à sua porta. Lembro da sua casa sempre cheia de gente em busca de cuidado, de acolhimento, de aconselhamento, de esperança. A senhora foi uma benzedeira muito conhecida e respeitada, as pessoas vinham de longe para receberem teus cuidados. Quando a senhora benzia, eu gostava de ficar espiando até uma pessoa adulta, ou a senhora mesmo, me mandar sair. Gostava, mais ainda, quando a senhora me benzia de "cobreiro brabo"; a senhora ficava sussurrando palavras que eu tentava entender e não conseguia. Lembro da senhora jogando Carta Cigana - eu gostava de ficar olhando aquelas cartas com seus símbolos e signos, o modo como a senhora cortava e pedia para a pessoa atendida também cortar as cartas. A senhora vivia um universo que me despertava muita curiosidade, mas naquela época, as pessoas adultas não deixavam as crianças participarem de ritos e liturgias de nossa tradição. Lembro que quando a senhora estava atendendo alguém, eu e a Chica (Lilian de Cássia Gonçalves Castro, sua neta e filha), ficávamos tentando espiar, mas, a senhora sempre nos corria da sua sala.

Uma das memórias afetivas que tenho é de sua Preta Velha, a Vovó Carlota. Lembro que ela chegava cantando um ponto, sentava em um mochinho, e ficava esperando o cachimbo para "pitá". Nesse momento, era uma correria para chamar meu tio Dado (Nivaldo Santos Gonçalves, seu filho falecido em 2018). Eu só não entendia porque tinham que chamar o Dado. Por que tanta correria para chamá-lo? Essa pergunta perdurou até hoje. E com o propósito de reviver essa cena que ficou marcada nas grafias do meu corpo, liguei para várias pessoas da família - para a mãe (sua filha, Nilvani Teresinha Alves), minha irmã Lala (sua neta, Maira Leandra Alves), minha prima Chica, e minha prima e afilhada Gisele Golçalves (sua bisneta). Na conversa que tivemos pelo celular, por chamada de vídeo, conseguimos

reconstruir a cena - é isso vó, agora quando uma pessoa liga para a outra, é possível nos enxergarmos em uma telinha pequena, como se fosse uma mini televisão. Voltando a reconstrução da cena, foi somente agora que pude entender a função do Dado, meu tio e seu filho, quanto aos cuidados junto a sua Preta Velha. Ele era o responsável por preparar o cachimbo e entregá-lo à Vovó Carlota. Nesta chamada de vídeo, minha mãe disse que a senhora gostava de um fumo especial, acrescido de cravo e canela; minha mãe moía o cravo e a canela que era misturado ao fumo e meu tio, Dado, tinha o cuidado de preparar o cachimbo do jeitinho que a Preta Velha gostava. Enquanto a correria acontecia, a Vovó Carlota, sentada em seu mochinho, cantava e o Dado respondia: "Cadê minha cachimba que eu quero pitá? Espera vovó, que eu mandei buscar / Cadê minha cachimba que eu quero pitá? Espera vovó, já vou preparar". Vó Mercedes, enquanto estou escrevendo esta carta, estou lembrando e sentindo a cena de infância. Eu era muito criança, no entanto, esse momento, esse cuidado com a sua Preta Velha era tão instigante que ficou inscrito em meu corpo, em minha memória. Ainda nessa conversa que tive com minha mãe, irmã e primas, lembramos das outras entidades da Umbanda que a senhora recebia: Preta Velha Mariazinha que era mais nova que a Vovó Carlota, Caboclo 7 Flechas, Exu Veludo e Exu Pedra Preta. No Batuque, quem se manifestava em seu corpo era *Ṣàngó*, a senhora foi *Ọmọ*[127] do grande *Ọba*[128] de *Ọ̀yọ́*[129] – "aquele que assegura a expansão da linhagem", que possui "prerrogativa biomítica da justiça", que "está ligado ao princípio físico e fenomenológico do fogo, dos rios, dos trovões" (ALVES; JESUS, 2020, p. 43). Vó, nós ficamos em dúvida sobre qual seria seu segundo *òrìṣà*, então a minha mãe lembrou que a senhora tinha um *aṣọ*[130] amarelo de renda. Eu lembro desse *aṣọ* vó! A senhora era de *Ṣàngó* com *Ọ̀ṣun*?

127 "Filho", filha, conforme José Beniste (2011. p. 618).
128 "Rei, monarca, soberano", conforme José Beniste (2011, p. 603).
129 "Duas cidades yorubás, uma antiga e outra mais nova cujo soberano é denominado de alààfin", conforme José Beniste (2011, p. 630).
130 "Roupa, paramentos", conforme José Beniste (2011, p. 130).

Minha vó Mercedes (*in memoriam*) organizando a mesa de *Ibéjì* no *Ilé* de sua *Ìyálórìṣà* Neneca Oya. No canto do lado direito da fotografia, minha prima Chica (Lilian de Cássia Gonçalves Castro)
Fonte: Acervo pessoal, 1981.

Eu teria tantas coisas para conversar com a senhora, vó! A mãe me contou que a senhora nasceu no dia 25 de julho de 1917 em Lajeado, RS, conforme seus documentos. No entanto, ela reforça que a senhora dizia ter nascido em Estrela, RS. Acho bem possível que a senhora tenha nascido em uma cidade, mas tenha sido registrada em outra, haja vista a proximidade entre elas. Também fiquei pensando nos movimentos migratórios das famílias pobres e pretas em busca de trabalho, e melhores condições de vida diante de apenas 29 anos de abolição oficial do escravismo no Brasil, quando levamos em conta a data do seu nascimento. Vó, eu sempre quis conhecer a história das mulheres da família, da sua mãe Ernestina Francisca dos Santos, e sua avó - minha bisa e tataravó. Lembro de, quando criança, fazer perguntas para minha mãe sobre elas, mas ela dizia não saber; dizia que a senhora não falava sobre sua mãe; e eu nunca tive coragem para perguntar diretamente para a senhora pois havia criado um imaginário de que minha bisavó Ernestina tinha sido escravizada, que tinha vivido uma

dura história de escravização que açoitou e exterminou vidas nesse país. Eu tinha receio de lhe fazer sofrer com minhas perguntas. Ao escrever essa carta, retomei a conversa com minha mãe, e ela voltou a repetir que não conheceu a minha bisa Ernestina, pois, ela já era falecida e a senhora nunca falava sobre ela. No entanto, minha mãe conseguiu lembrar que a senhora dizia que a bisa falava alemão e trabalhava para colonos alemães da região. É bem provável que a bisa Ernestina tenha nascido após a Lei do Ventre Livre em 1871, né vó? Do que ela morreu? A senhora conviveu com ela? Como ela era? Como era a relação dela com o patrão e a patroa branca, alemães? Será que ela foi ama de leite? São muitas perguntas sem respostas. Sabe vó, no momento em que conversava com a mãe sobre a senhora, lembrei de uma comunidade quilombola que visitei em Lajeado, em 2014, período em que coordenei a Saúde da População Negra, na Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Era uma família preta, com muitas mulheres, liderada por uma matriarca e com uma criançada na volta. A senhora deveria ser quilombola, né vó!

Em busca de mais respostas fui conversar, novamente, com minhas primas Chica e Gisele. A Chica lembrou que a senhora havia contato que sua mãe, Ernestina, e pai, Serafim Francisco dos Santos, lhe deram para ser "criada" por uma família alemã, e que a senhora fazia todas as tarefas da casa. A senhora virou a "criada" da família, né vó! A senhora foi mais uma mulher preta que viveu a escravização moderna. Preta-Rara (2019) escreveu um livro muito sensível, forte, doído e emocionante que denuncia a "senzala moderna", ou seja, o "quartinho da empregada". A Chica me contou, também, que a senhora sabia falar alemão por ter vivido muito tempo como "criada" desta família, mas que com o tempo foi esquecendo-se da língua, e só lembrava algumas palavras. A Gisele há algum tempo, tentou construir a nossa árvore genealógica e encontrou em Estrela, RS, um registro com o nome do pai (José Vicente Gonçalves) e da mãe (Maria José da Silva), do vô Arlindo Gonçalves, com quem a senhora casou em 06 de dezembro de 1941. Vó, a Gisele não encontrou registros com seu nome, nem com o nome de

sua Mãe Ernestina nessa cidade; ela só encontrou um registro com o nome do bisavô Serafim Francisco dos Santos, porém, não sabemos se é de fato o registro de seu pai, meu bisavô, ou se é um homônimo, pois, esse homem foi casado com outra mulher. Será ele meu bisavô?

Uma das perguntas que me faço, é como a senhora e o vô Arlindo se encontraram; ele natural de Montenegro, RS, e a senhora de Estrela, cidades distantes, aproximadamente, sessenta quilômetros. Eu, Chica e Gisele temos uma hipótese - a ferrovia uniu vocês dois -, afinal, o vô Arlindo era ferroviário. A Chica contou que a senhora era danada [risos], que a senhora contava que foi buscar o vô na casa de uma amante. Eu só fico imaginando a cena [risos]. Minha mãe, sua filha Nilvani, contou que vocês moravam na antiga Vila dos Ferroviários, localizada na região da antiga Estação Ferroviária Diretor Pestana, isso antes da Vila ter sido desapropriada e as famílias realocadas para o Bairro Humaitá, em Porto Alegre, RS. Ela me disse que vocês foram uma das últimas famílias a saírem da Vila, que quando saíram restavam poucas casas na região e que seu marido, meu avô, Arlindo, já havia falecido aos 47 anos de idade, em 25 de abril de 1962. Nessa época, nosso povo preto morria muito cedo, né vó! Isso não mudou muito, a população negra continua apresentando maior vulnerabilidade socioeconômica, refletindo em uma menor expectativa de vida e uma maior suscetibilidade a agravos em saúde (CHEHUEN *et al*., 2015). Ela contou ainda, que a senhora tinha uma terreira de Umbanda muito grande, e muito frequentada na Vila dos Ferroviários; que a senhora foi uma grande, e importante Cacique de Umbanda. Vó, eu guardei comigo algumas fotografias da senhora que pelos meus cálculos são de 1958. São fotos lindas, em preto e branco. Tem uma delas que eu adoro, pois nela a senhora está incorporada com o Caboclo 7 Flechas, aparece o vô Arlindo, a minha mãe Nilvani com 12 anos de idade, e minha tia Nilce Rosália Gonçalves com 9 anos, mãe da Chica, sua filha que faleceu aos 29 anos, em 06 de março de 1978.

Minha vó Mercedes (*in memoriam*) com o Caboclo 7 Flechas, no lado esquerdo da fotografia, em sua terreira na antiga Vila dos Ferroviários; meu avô Arlindo (*in memoriam*), no lado direto da fotografia; minha tia Nilce (*in memoriam*) com cabelo preso, na frente do seu pai e meu avô; minha mãe Nilvani sentada no chão com cabelo solto.
Fonte: Acervo pessoal, 1958, aproximadamente.

Sabe vó, depois que a senhora "voltou pra casa", o meu desejo de me aproximar de nossas tradições de matriz africana foram aumentando. Por anos eu apenas visitei alguns terreiros acompanhando, participei de alguns momentos de festividades, mas tudo muito distante. Às vezes eu ficava da janela de casa escutando o som do tambor, imaginando o que estaria ocorrendo no terreiro onde acontecia o toque. Foram anos de pequenas aproximações e de espera, até que em 2005 eu encontrei uma comunidade tradicional de terreiro que me despertou o desejo da iniciação – isso tudo em ocasião de meu projeto de doutorado, onde queria estudar a produção

de saúde nos terreiros de matriz africana. Lembro que quando contei para minha mãe, sua filha Nilvani, que iria me iniciar no Batuque ela fez uma cara do tipo: "Não gostei dessa notícia". No entanto, logo ela afirmou: "Vais seguir o caminho da tua vó". Eu passei a frequentar a Comunidade Tradicional de Terreira Ilé Àṣẹ Iyemọnja Ọmi Olódò, dirigida por Baba Diba de Iyemonja, em Porto Alegre, RS, em janeiro de 2006. Lavei a cabeça em julho de 2007; fiz minha primeira iniciação com *Borí*[131] de quatro pés, em julho de 2008; e assentei *Ọbà* em 16 de outubro de 2012. Isso vó, sou *Ọmọ Ọbà* com *Ọdẹ*! No terreiro, e em muito locais me chamam de *Olórí-Ọbà,* já tenho 13 anos de iniciada, e nove anos de assentamento, ou de "vasilha" como diziam as pessoas antigas como a senhora. Após meu *Borí*, participei do meu primeiro *Aròsún*[132] no terreiro, não tive dúvidas, preparei seu prato de comida que foi servido no *Igbàlẹ*[133] da comunidade.

Vó, eu casei no terreiro, no dia 25 de julho de 2008 (dia do seu aniversário), com o Fagorite (Rui Medina Delgado), um caboverdiano que conheci no Rio de Janeiro, RJ. Nós temos três filhas: Naromi Alake (Joana Naromi Alves Delgado), Tinuoye (Laís Tinuoye Alves Delgado) e Atinuke (Raissa Atinuke Alves Delgado). Toda a família é iniciada no Batuque. A Naromi Alake foi iniciada ainda no meu ventre. Nós estamos morando em Pelotas, RS, desde janeiro de 2017, pois, eu passei em um concurso para docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e tomei posse em 02 de agosto de 2016. Quando o Baba Diba veio à minha casa em Pelotas para fazer uma limpeza, antes da mudança de toda a família, ele sentiu a presença da senhora; ele dizia que estava sentindo um cheiro de gongá, mas

131 "O *Borí* é um rito de (re)nascimento. Colocamos o "re" entre parênteses porque para as tradições de matriz africana o ser humano nasce duas vezes: o parto biológico, advindo do ventre de sua mãe e o nascimento espiritual ritualizado no *Borí*. De acordo com a cosmosensação africana, o nascimento de uma pessoa só se completa após concluído o rito de *Borí*, pois este rito reúne o indivíduo ao cosmo, algo rompido no momento do corte do cordão umbilical" (SILVEIRA, 2019, p. 165).

132 "Nome dado aos rituais fúnebres no Batuque. [...] Os rituais têm início no dia de falecimento do iniciado. O corpo é velado no terreiro. As pessoas dançam e cantam em homenagem ao falecido; balançam seus braços para frente e para trás indicando que todos estão passando vivos por aquele momento. Depois sai o cortejo fúnebre com familiares pegando o caixão e balançando, para frente e para trás, um movimento que simboliza o pertencimento tanto a este quanto ao outro mundo..[...] Do yorùbá: *ara* (corpo) e *òsùn* (sono)" - "corpo que dorme" (SILVEIRA, 2019, p. 187).

133 Local onde "os ancestrais são invocados e cultuados" (SANTOS, 2012, p.110), localizado nos fundos do terreiro de Batuque (SILVEIRA, 2019, p. 37).

não tinha nada que justificasse o tal cheiro. Era a senhora, né vó? Tivemos certeza que era a senhora.

Nossa grande família continua em Porto Alegre e Alvorada, RS. A Chica reformou a sua casa, em Alvorada, e mora lá com as filhas e a Gisele. A mãe continua na mesma casa na COHAB. A senhora já tem vários bisnetos e bisnetas, e também tataranetos e tataranetas… A família cresceu bastante, mas essa é outra história para outra carta…

Vó acho que já escrevi demais, vou ficando por aqui...

Finalizo dizendo que tenho muito orgulho de seguir seus passos no culto de òrìṣà.

Quando a senhora quiser falar comigo, é só aparecer nos meus sonhos. É através dos sonhos que me conecto com o mundo invisível, com o *Ọ̀run*[134].

Te amo vó, e até qualquer dia!

Obrigada por sua existência!

Adúpẹ́[135], *adúpẹ́, adúpẹ́!*

Pelotas, RS, 27 de novembro de 2021.

Referências

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de. **A Matriz Africana**: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. Disponível em: https://editora.redeunida.org.brproject/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/. Acesso em: 20 out. 2021.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CHEHUEN, José Antônio et al. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: implementação, conhecimento e aspectos socioeconômicos sob a perspectiva desse segmento populacional. **Ciência & Saúde Coletiva.** (online). [S.l], v. 20, n. 6, p. 1909-1916, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232015206.17212014. Acesso em: 28 nov. 2021.

134 "Céu, firmamento. [...] Plano divino onde estão as diferentes formas de espíritos e divindades [...]", conforme José Beniste (2011, p. 625).

135 "Nós agradecemos", conforme José Beniste (2011, p. 43).

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica:** a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a Morte**: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVEIRA, Hendrix. **Afroteologia:** construção de uma teologia das tradições de matriz africana. 2019. 278 fl. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2019.